

## Unidade na diversidade

Unidade na Diversidade. Este slogan do Chefe do Serviço de Psiquiatria por ocasião de sua recente gestão na associação Brasileira de Psiquiatria é bastante ilustrativo da seqüência de trabalhos reunidos neste número especial da Revista HCPA. Os trabalhos refletem simultaneamente a diversidade do corpo clínico do serviço e sua unidade em torno das missões básicas do Hospital, de geração de conhecimentos sobre ocorrência de doenças, dos fatores que afetam sua distribuição, de seus mecanismos patológicos e mecanismos de tratamento e reabilitação e sua multiplicação através do ensino graduado e pós-graduado e do desenvolvimento de modelos integrados de investigação e assistência. No presente número vocês verão descritas investigações de modelos etiológicos de doenças, relação do conhecimento psiquiátrico contemporâneo e cultura, o trabalho de categorização de novos desfechos de doenças e tratamentos, e a descrição de diferentes modelos de tratamento para transtornos mentais de maior prevalência e importância clínica-epidemiológica, estruturados a partir de diferentes modelos (biomédico, psicodinâmico e cognitivo-comportamental).

Fleck e colaboradores (Desenvolvimento e aplicação da versão em português do instrumento da avaliação da qualidade de vida da Organização Mundial da Saúde) expõem a metodologia e os resultados de sua investigação pioneira no desenvolvimento junto à Organização Mundial de Saúde de um instrumento de medida da qualidade de vida (Q.V.) das pessoas adaptado às características da população brasileira. O conceito de QV muitas vezes tem sido empregado de forma retórica sem adequada sistematização e verificação de validade e confiabilidade. Ao mesmo tempo cada vez mais é descrito como um novo desfecho de tratamentos, ao lado de alta, reabilitação, controle de sintomas, redução de dias de hospitalização, de licença médica, etc. Fleck e colegas nos trazem de forma clara e precisa o método de desenvolvimento de uma forma operacional de medida de resultados, aplicável a qualquer contexto biomédico, não só o psiquiátrico.

Manfro e colegas (Relação entre eventos vitais e história da ansiedade na infância, história familiar de ansiedade e curso do transtorno do pânico) descrevem uma investigação sobre a associação entre eventos vitais precoces na vida do indivíduo e a ocorrência de transtornos de ansiedade (no caso, de pânico) na vida adulta. Na verdade uma dentro de uma série de pesquisas desenvolvidas pela autora, a presente investigação levanta evidências clínico-epidemiológicas de que os adultos portadores de transtornos de pânico possuem em sua biografia um excesso de eventos vitais adversos em sua infância. Em estudos posteriores a autora demonstrou perfil imunológico diferente nos portadores deste transtorno, completando empiricamente evidências de interação entre ambiente precoce, estresse e vulnerabilidade a doenças mentais mais tarde na vida.

Eizerik (Psychoanalysis and culture: some contemporary challenges.) nos fala dos desafios contemporâneos da contribuição e interação entre psiquiatria e psicanálise e cultura, ainda intrigantes e instigantes no ano em

que a psicanálise completa cem anos, demonstrando que os conhecimentos da mesma ainda estão longe de se esgotar, mesmo neste final de século com o anunciado fim da história, do estudo do metabolismo cerebral em minúcia por métodos de neuroimagem, e do desenvolvimento de drogas que afetam pensamentos, emoções e comportamentos.

Aguiar e Caleffi (Avaliação e tratamento psiquiátrico do paciente com dor crônica) nos dão exemplos de abordagem integrada do paciente com dor crônica, que está presente no dia-dia do trabalho de qualquer profissional da área biomédica. Integrada na investigação e no manejo, onde em ambos se faz necessária a atuação simultânea de múltiplos profissionais visando outros desfechos além da remoção da dor, como a melhora da qualidade de vida.

Mello e colegas (A comunidade terapêutica como modalidade de tratamento para dependentes químicos: relato de uma observação participante) nos descrevem sua experiência pessoal em um modelo fechado de tratamento cognitivo-comportamental de abusadores de drogas em um presídio norte-americano, com ênfase no papel modelador de comportamento do modelo de comunidade terapêutica. Neste são revidados os ingredientes que seguem atuais da comunidade terapêutica, na primeira intervenção do gênero desenvolvida e aplicada por um Universidade em sistema penitenciário. Com isto mostram também o potencial criativo das Universidades e Centros de pesquisa fora de seus muros tradicionais, igualmente aplicável ao HCPA.

Cordioli e colegas (Terapia comportamental associada a psicofarmacoterapia em pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo: um estudo aberto) nos possibilitam uma visão mais integrada do fenômeno clínico das obsessões e compulsões, em sua neurobiologia e tratamento, onde descrevem o efeito de uma abordagem efetuada no HCPA de intervenção simultânea com drogas e técnicas psicoterápicas cognitivo-comportamentais.

Schestatski e Fleck (Psicoterapia das depressões) revisam os aspectos essenciais da abordagem psicoterápica das depressões, separando o que é dispensável e o que é essencial como ingrediente terapêutico, e assim nos fornecendo um roteiro prático de intervenção deste problema.

Em suma, diferentes estudos, sob diferentes modelos teóricos e metodologias, mostrando que a capacidade de integração de diferentes modelos na busca de um maior conhecimento e maior resolutividade dos problemas de saúde mental. Esperamos que seja de bom proveito para os leitores.

**Paulo Abreu**  
**Serviço de Psiquiatria**  
**Hospital de Clínicas de Porto Alegre**  
**Editor Associado**